



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**SARAMANDAIA X BOLE-BOLE - QUALQUER SEMELHANÇA NÃO É MERA
COINCIDÊNCIA – A GESTÃO DO PREFEITO DE LAGARTO-SE, JOSÉ VIEIRA
FILHO (1977-1982)**

São Cristóvão

2025.2

MARIA LETÍCIA SANTOS PRATA

**SARAMANDAIA X BOLE-BOLE - QUALQUER SEMELHANÇA NÃO É MERA
COINCIDÊNCIA – A GESTÃO DO PREFEITO DE LAGARTO-SE, JOSÉ VIEIRA
FILHO (1977-1982)**

São Cristóvão

2025.2

MARIA LETÍCIA SANTOS PRATA

**SARAMANDAIA X BOLE-BOLE - QUALQUER SEMELHANÇA NÃO É MERA
COINCIDÊNCIA – A GESTÃO DO PREFEITO DE LAGARTO-SE, JOSÉ VIEIRA
FILHO (1977-1982)**

Artigo apresentado como requisito para
conclusão do curso de Licenciatura plena em
História da Universidade Federal de Sergipe –
UFS, sob orientação do professor Dr.
Claudefranklin Monteiro Santos.

São Cristóvão

2025.2

A Deus, por ser força nos momentos de fraqueza, consolo nas incertezas e farol no caminho que me permitiu chegar até aqui. À minha família, por compreender cada ausência e sonhar alto junto comigo. Aos meus avós, que se mantêm como luz nos meus dias mais nublados e que, a cada história contada, semearam em mim o amor pela memória. Aos meus pais, que há 22 anos, mesmo ainda tão jovens e no início da própria caminhada, me guiaram para me tornar a pessoa que sou hoje. Por fim, aos meus professores, em especial, Renato Araujo, por terem sido solo fértil para mais uma semente do amanhã plantada. Toda conquista é plural.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
COISA DE NOVELA: SARAMANDAIA X BOLE-BOLE EM LAGARTO – SE.....	9
JOSÉ VIEIRA FILHO: DE COMERCIANTE À LÍDER POLÍTICO DE LAGARTO – SE.....	14
PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGARTO: GESTÃO JOSÉ VIEIRA FILHO (1977 – 1982)	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
FONTES E REFERÊNCIAS.....	27

**SARAMANDAIA X BOLE-BOLE - QUALQUER SEMELHANÇA NÃO É MERA
COINCIDÊNCIA – A GESTÃO DO PREFEITO DE LAGARTO-SE, JOSÉ VIEIRA FILHO
(1977-1982)**

Maria Letícia Santos Prata¹

Resumo: Ambientado historicamente na cidade de Lagarto-SE, o tema do presente trabalho se insere num dos mais singulares fenômenos da vida política de Sergipe, inspirado no sucesso da Rede Globo de Televisão: a telenovela de Dias Gomes, “Saramandaia”, de 1976. Trata-se de uma disputa acirrada entre dois grupos que dominam a cena política do município até a presente data: Saramandaia, criado por Artur de Oliveira Reis, e Bole-Bole, criada por Rosendo Ribeiro Filho, o Ribeirinho. José Vieira Filho, comerciante de origem, foi o primeiro político a ser eleito Prefeito de Lagarto do grupo Bole-Bole, sucedendo ao odontólogo, Dr. João Almeida Rocha. A escolha por Vieira deve-se à necessidade de entender como se deu o início dessa polarização e quais os reflexos disso para a vida social do município, naqueles anos de 1977 a 1982, que correspondeu ao seu mandato.

Palavras-chave: Lagarto; Coronelismo; Saramandaia; Bole-Bole; José Vieira Filho; Parentela; Clientelismo; Regime Militar Brasileiro

Abstract: Historically set in the city of Lagarto-SE, the theme of this work is situated within one of the most unique phenomena in the political life of Sergipe, inspired by the success of the Rede Globo television network: the telenovela by Dias Gomes, "Saramandaia," from 1976. It concerns a fierce dispute between two groups that dominate the political scene of the municipality to this day: Saramandaia, created by Artur de Oliveira Reis, and Bole-Bole, created by Rosendo Ribeiro Filho, known as Ribeirinho. José Vieira Filho, a merchant by origin, was the first politician to be elected Mayor of Lagarto from the Bole-Bole group, succeeding the dentist, Dr. João Almeida Rocha. The choice of Vieira is due to the need to understand how this polarization began and what its repercussions were for the social life of the municipality during the years from 1977 to 1982, which corresponded to his term.

Keywords: Lizard; Coronelism; Saramandaia; Bole-Bole; José Vieira Filho; Kinship; Clientelism; Brazilian Military Regime

¹ Graduanda do curso de História, da Universidade Federal de Sergipe – UFS. E-mail: mlsprata18@gmail.com

APRESENTAÇÃO

A história política que permeiam as localidades do interior, tornam-se palco de estudo e de investigação para que seja possível compreender as dinâmicas e relações de poder. Além disso, serve como um meio de analisar os vínculos estabelecidos entre o poder central e a sociedade que vai sendo construída em torno da organização política da cidade, responsável por influenciar a formação cultural da região. Nesse sentido, o trabalho tem como objeto central de pesquisa a atuação política e administrativa do ex-prefeito de Lagarto, localizado no estado de Sergipe, José Vieira Filho, entre os anos de 1977-1982. Dessa maneira, foi analisado sua forma de gestão, as alianças políticas formadas e os impactos de suas realizações no cenário político lagartense e sergipano.

O interesse por esse tema surgiu diante da escassa produção e pesquisa sobre essa temática no meio acadêmico, mesmo sendo altamente relevante para a sociedade lagartense, sobretudo pelas gestões que moldaram a política local responsável por configurar as relações sociais do município, além de haver um grande interesse pessoal diante do cenário da política local da cidade na qual cresci. Mediante isso, a figura de José Vieira Filho destaca-se nesse contexto histórico, tendo em vista que, o seu processo eleitoral culminou nos apelidos referentes aos partidos políticos: “Saramandaia” e “Bole-Bole”. Dessa forma, explorar as facetas de José Vieira possibilita compreender melhor as estratégias políticas adotadas, além das continuidades e rupturas presentes na política de Lagarto.

Sob esse viés, a temática justifica-se primeiramente pela sua relevância histórica, tendo em vista que possibilita o entendimento sobre as formações de alianças dos agrupamentos políticos e como essas estruturas refletem no município. Dessa forma, cabe destacar que esses fatores impactam diretamente nas formas de organização social, podendo assim, compreender as relações de poder entre as esferas municipal, estadual e federal, levando em consideração o período histórico no qual José Vieira se encontra, que teve forte influência diante da vigência da Ditadura Civil Militar (1964 – 1985).

Ademais, cabe destacar que a pesquisa passa a ser justificada também pelo valor social e cultural agregado, já que contribuiu de maneira relevante para o fortalecimento da identidade política lagartense, além do próprio fortalecimento da memória política do município de Lagarto, valorizando cada vez mais a história local e regional. Podendo desse modo, construir análises mais profundas sobre a política brasileira, contribuindo significativamente no âmbito acadêmico.

Sob essa perspectiva, esta pesquisa, colaborou para uma análise mais aprofundada acerca do governo de José Vieira Filho, levando em consideração seu posicionamento político, suas principais contribuições para o município, além da forma que se configurou a estrutura política nesses anos, tendo em vista sua posse como deputado estadual nos anos finais da sua gestão como prefeito. Assim, ao ser demarcado o período exposto, a pesquisa contribuiu para o aprofundamento sobre questões como a parentela, o mandonismo local, o clientelismo e as lideranças locais, temas pertinentes que impactam a conjuntura da história política brasileira.

Nesse sentido, para a efetivação e continuidade da pesquisa, o referencial teórico utilizado foram os historiadores Claudefranklin Monteiro Santos, Alailson Pereira Modesto e Patrícia dos Santos Silva Monteiro, como forma de compreender a perspectiva histórica da política no município lagartense. Além disso, foram mobilizados também os sociólogos Wilson José Ferreira de Oliveira e Fernanda Rios Petrarca, a fim de analisar o conceito de parentela, como foi configurada a política sergipana e de que forma essa dinâmica influenciou localidades menores, como Lagarto. Por fim, também utilizou-se dos conceitos de Victor Nunes Leal e Raymundo Faoro para uma melhor compreensão acerca do mandonismo local e suas particularidades.

No que tange as fontes e referências utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa, é a combinação de fontes primárias e secundárias. Dentre as primárias destacam-se relatos orais, por meio da entrevista de familiares e funcionários do período político analisado, além da utilização de jornais e periódicos da época, que relatam as satisfações e insatisfações durante governo de José Vieira Filho. Já as fontes secundárias incluem livros e sites que retratam a história da política sergipana, com ênfase no município de Lagarto. Logo, esse leque variado de recursos contribuiu para uma análise crítica, profunda e consistente sobre o objeto de pesquisa.

Quanto a estrutura do trabalho, este artigo está organizado em três partes, além da introdução e das considerações finais. A primeira parte explica historicamente as disputas políticas entre os partidos “Saramandaia” e “Bole-bole”, desatacando características do mandonismo local, além da formação da bipolarização política no município. Já a segunda parte se configura em uma pequena síntese biográfica sobre José Vieira Filho, com ênfase na origem da família e como o seu nome foi ganhando força em meio a sociedade lagartense, demonstrando seus interesses pessoais e políticos. Enquanto isso, a terceira parte é um aparato histórico da gestão de José Vieira na prefeitura municipal de Lagarto, compreendendo suas

principais ações administrativas, como também seus conflitos com seus adversários do partido “Saramandaia”. Por fim, as considerações finais buscaram retomar as principais discussões desenvolvidas ao longo da pesquisa acerca do governo do até então prefeito municipal.

Assim, o trabalho de conclusão de curso buscou ampliar os conhecimentos sobre a política do município de Lagarto, destacando grandes nomes do meio político – partidário, tornando viva a memória e história local, sendo este um campo necessário para a compreensão do presente e do passado político brasileiro.

COISA DE NOVELA: SARAMANDAIA X BOLE-BOLE EM LAGARTO – SE

As disputas políticas vinculadas a grupos políticos lagartenses do tempo presente possuem raízes históricas profundas, que passaram a ser moldadas sobretudo pelo “coronelismo” durante o período da República Velha. Nesse sentido, os confrontos políticos se estruturavam e eram marcados em torno das famílias mais tradicionais do município de Lagarto e posteriormente, a partir de 1972, passou a ocorrer a polarização de dois grupos que ficaram conhecidos logo depois como Saramandaia e Bole-Bole.

Dentre algumas das características do coronelismo que teve forte influência no município, destacam-se a parentela e o mandonismo local, que são fatores responsáveis por consolidar a posição de poder dos grupos políticos.

No entanto, apesar de apresentar posicionamento de destaque ainda na formação da República Velha, os confrontos políticos remontam a organização de agrupamentos que mantinham a divisão desde o período Imperial, baseada em alianças e sendo resultados de laços políticos de parentesco, dado isso, segundo os sociólogos Wilson José Ferreira de Oliveira e Fernanda Rios Petrarca

A parentela representava a unidade política menor deste sistema de alianças cobrindo a vida social dos municípios e estados. Dela derivaram os agrupamentos políticos e a oligarquia, sua expressão máxima. Sua emergência representa a expansão do Estado brasileiro tendo como núcleo o município, uma vez que as dificuldades enfrentadas por Portugal para dominar e povoar o país, dada a sua dimensão continental, conduziram ao incentivo do poder e autonomia dos senhores rurais, chefes das parentelas.” (PETRARCA; OLIVEIRA, 2022. p. 20)

Desse modo, como uma maneira de formar novos agrupamentos políticos e a própria hegemonia do poder local, os coronéis, a partir das relações familiares estabeleciam acordos e formavam coligações. Diante disso, apesar da formação da Primeira República, esse modelo

político, não sofreu grandes alterações de forma abrupta, sendo possível analisar com o transcorrer do tempo, as reminiscências desse sistema.

Sob esse viés, cabe ressaltar que essa polarização política já permeava o final do século XIX e início do século XX no estado de Sergipe, através dos partidos “pebas” e “cabaús”. Sendo o primeiro, caracterizado como os proprietários rurais que tinham menor influência econômica nos engenhos, em municípios como Lagarto, Simão Dias e Itabaiana, dentre uma das principais representações desse partido, destaca-se Sílvio Romero, grande intelectual lagartense, conhecido também pela forte influência de sua família devido a suas atribuições comerciais, além disso, destaca-se também os seus irmãos Benilde Romero, Joveniano Romero e Nilo Romero, fazendo com que a família também seja reconhecida nas áreas do direito e da saúde. Em contrapartida, a liderança dos “Cabaús” era fundamentada principalmente sob a região do eixo Vaza-Barris e Cotinguiba, com destaque para grandes nomes como a parentela dos Rollemberg, Leandro Maciel e Olímpio Campos. Este último, tem como representante em terras próximo a região lagartense a família Dantas, que também passa a estabelecer disputas pela dominação dos postos locais em Lagarto.

Através disso, torna-se notório que as disputas políticas deixam em evidência o destaque de dois grupos bastante influentes na região, não ofertando margem para um terceiro partido. Sob esse viés, cabe ressaltar que apesar do extermínio dos dois principais partidos oligárquicos – pebas e cabaús – não foi fator determinante para que fosse “decretado” o fim da parentela nessas regiões de influência. Assim, de acordo com a historiadora Patrícia dos Santos Silva Monteiro,

Com o passar do tempo (década de 60) a representatividade sofre alterações, ficando a cargo de Acrísio D’Ávila Garcez e Dionísio de Araujo Machado, o primeiro representando o PSD (Partido Social Democrático), já o segundo estava a representar a UDN (União Democrática Nacional). Na década de 70, as denominações são alteradas, os grupos políticos passam a ser identificados como **Bole-Bole** e **Saramandaia**” (MONTEIRO, 2008 p. 32)

Diante disso, cabe destacar que os representantes dos referidos partidos ainda possuíam fortes características do decadente coronelismo como forma de dominação da política local. (MONTEIRO, 2008, p.33). De acordo com Alailson Pereira Modesto “O fenômeno como um todo parece que ainda não está definitivamente acabado, ou melhor: algumas de suas características ainda continuam a modelar a práxis política brasileira.” (MODESTO, 2008, P. 17). Ainda complementa o autor, que o princípio fundamental da estrutura coronelista se forma a partir do clientelismo – relação de barganha – que diante da

formação de uma cadeia hierárquica perpetua a sua forma de dominação. (MODESTO, 2008. p. 19).

Apesar do destaque durante a emergência da República Velha, até o fim declarado da função em meio a Revolução de 1930, o termo “coronelismo” segundo Basílio de Magalhães, advém da patente de coronel da então criada Guarda Nacional, durante o ano de 1831 por Padre Antônio Diogo Feijó. Nesse sentido, a patente de coronel passava a ser geralmente ocupada pelo chefe político de cada localidade, obtendo prestígio social e militar. Essa forma de poder estaria vinculada principalmente aos proprietários de terras e comerciantes formadores da elite local. Sob esse viés, mesmo após a absorção da Guarda Nacional em 1922, o termo ainda passou a ser designado a grandes líderes políticos como forma de garantir prestígio social.

Mediante isso, nota-se a existência da forte relação entre as formas de dominação, a fim de poder gerar a manutenção do poderio da elite agrária e comercial vigente no município de Lagarto, tendo em vista que, a figura do coronel passa a ser configurada e solidificada como aquele responsável pelo aparato as classes sociais mais baixas e necessitadas de apoio. Sendo possível analisar dessa forma, o estabelecimento de benefícios aos eleitores com a finalidade de manter a dominação existente.

A luz disso, o mandonismo passou a ser um fator marcante, além de ser considerado o principal contribuinte na perpetuação das relações de poder. De acordo com José Murilo de Carvalho, no qual afirma que *“o mandonismo não é um sistema, é uma característica da política tradicional. Existe desde o início da colonização e sobrevive ainda hoje em regiões isoladas.”* (CARVALHO, 1998).

Além disso, o historiador Victor Nunes Leal reforça em sua obra *“Coronelismo, enxada e voto”* (2012) que o mandonismo sempre existiu, destacando o clientelismo e o filhotismo como fatores secundários do sistema coronelista. Nesse sentido, Carvalho reforça que *“Na visão de Leal, o coronelismo seria um momento particular do mandonismo, exatamente aquele em que os mandões começam a perder força e tem de recorrer ao governo.”* (CARVALHO, 1998).

Ademais, cabe ressaltar que Modesto destaca que a exemplo de Leal, na obra de Raymundo Faoro, *“Os donos do poder”* (1958)

(...) considera o sistema de reciprocidade um aspecto fundamental ao sistema coronelista. Os coronéis se encarregam de dar ao governo estadual toda a votação da sua fiel clientela, inclusive se encarregando com as despesas eleitorais, em troca os empregos públicos do município ficam sob seu controle, bem como tantas outras funções públicas não institucionalizadas. É

o chamado compromisso, a troca de proveitos entre o chefe político local e o governo do Estado, anunciado por Victor Nunes Leal” (MODESTO, 2008, p.21)

Diante disso, a socióloga Maria Isaura Pereira Queiroz, afirma que o coronelismo passa a ter suas origens nos então nomeados grupos de parentelas, assim como proposto por Oliveira e Petrarca, passando, portanto, a contribuir de maneira fundamental como forma de construir um dos três canais de manutenção do coronelismo, caracterizados pela fortuna e o comércio. (MODESTO, 2008. p. 23).

Ademais, ao analisar os períodos históricos como processos de construções e rupturas, vale salientar sobre as mudanças políticas e sociais que são transcorridas ao longo do tempo e como essas relações vão sendo modificadas mediante os fatores externos e internos. Partindo desse pressuposto, torna-se notório frisar o desenvolvimento dos acontecimentos históricos que passam a permear a sociedade.

Nesse sentido, apesar de ter sido instaurado no Brasil o Golpe Militar de 1964, a historiadora Raylane do Nascimento Santos afirma que nos interiores, as informações transmitidas nas áreas mais remotas do país se apresentavam de maneira distorcida e os moradores locais pouco se envolviam com os problemas e acontecimentos de âmbito nacional. De acordo com a autora, “*estavam mais preocupados com os problemas locais, onde o mandonismo dos ainda chamados coronéis era predominante.*” (SANTOS, 2008. P. 27)

No entanto, vale ressaltar que apesar do foco se pautar nos problemas regionais, os chefes políticos estavam cientes dos acontecimentos ocorridos no território brasileiro. Diante disso, o decreto de formação do bipartidarismo refletiu nos moldes políticos na cidade de Lagarto. Assim, houve a extinção dos partidos existentes – PSD e UDN – dando espaço para o surgimento do partido ARENA (Aliança Renovadora Nacional) e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro). Ao examinar a política local do município, segundo Monteiro

(...) podemos afirmar que o MDB não teve quase nenhuma influência, pois a oposição encontrava-se dentro da própria ARENA. Representada pelos antigos chefes políticos que dominavam a cidade. Assim surge a ARENA I e ARENA II, representadas respectivamente por Acrísio D’Ávila Garcez e Dionísio de Araújo Machado (MONTEIRO, 2008.p. 34).

Além disso, a temática passa a ganhar posição de destaque entre os meios midiáticos do período, e telenovelas e livros pautados no coronelismo passam a receber cada vez mais destaque entre os telespectadores como uma forma de crítica social. Dentre elas, a novela “O Bem Amado” e “Saramandaia”, produzida pelo dramaturgo Dias Gomes, no início da década

de 70, exibida durante esse mesmo período na Rede Globo de Televisão. Dentre as particularidades da produção, destaca-se a fictícia cidade de Bole-Bole, na qual há a disputa política entre duas facções, uma busca manter o nome da então cidade, e a outra busca promover a alteração para “Saramandaia”, sendo considerada entre os moradores como um partido mais tradicional e outro mais progressista respectivamente.

Torna-se válido destacar que através do rompimento político que aconteceu entre as famílias Reis e Ribeiro no município de Lagarto, em 1976, ano da então exibição da telenovela, se tornou munição suficiente para que os moradores da região popularizassem o nome das facções, associando as polêmicas que ocorriam no meio midiático aos acontecimentos presenciados na vida real.

Sob essa perspectiva, a partir da década de 70 por meio das eleições – entre José Vieira Filho contra Porfírio Martins de Menezes Filho – esses agrupamentos políticos passam a ser identificados como Saramandaia para a então referida ARENA II e Bole-Bole, para a ARENA I, nos quais, seus representantes ainda possuíam fortes características do até então decadente coronelismo.

No entanto, cabe ressaltar que o hábito atribuído a dar nome aos partidos políticos locais não nasce nesse momento, assim como abordado anteriormente, os termos pebas e cabaús já pairavam a realidade popular de Sergipe, além disso, outros municípios do Estado já possuíam esse hábito, regiões como Simão Dias, Pedrinhas, Ribeirópolis e Arauá.

Assim, cada partido passava a possuir uma característica própria no imaginário popular, Monteiro, utiliza por meio de fontes orais, o depoimento de Cláudio Monteiro para caracterizar os partidos, sendo definidos como “*O pessoal mais fino, mais educado, O Saramandaia. Já o Bole-Bole, que eles chamavam mexe-mexe, é aquele que fazia mais auê, mais zueira*” (MONTEIRO, 2008.p. 35). Além disso, cabe destacar também a formação de uma identidade regional e política entre os moradores da região do centro-sul sergipano, tornando-se um elemento fundamental para a construção da história social e política lagartense.

Mediante isso, como forma de ressaltar essa identidade política, Monteiro também relata a fala o ex-prefeito Artur Reis, representante do partido Saramandaia entre os anos de 1983 a 1989, no qual afirma que

(...) na novela Saramandaia quem era Bole-Bole era Bole-Bole. É uma tradição que já vem quando o menino nasce, já Bole-Bole ou Saramandaia. Às vezes muda por razões que eles apresentam, alegam. Muitas vezes não foi atendido o que ele pediu...” (MONTEIRO, 2008.p. 35).

Sob essa perspectiva, nota-se que a perpetuação dessas coligações políticas está diretamente relacionada com a continuidade das práticas coronelistas que foram evidenciadas anteriormente, definidas por Modesto como

(...) uma ação de dominação e manipulação, em forma de representação política, de um segmento social, caracteristicamente possuidor de bens passíveis de reproduzir relações sociais diversas sobre o eleitorado (...) o empreguismo de apadrinhados nos serviços públicos, o clientelismo generalizado; o controle dos votos dos eleitores; o controle coercitivo como fonte e imposição de prestígio e poder; a prática política paternalista e assistencialista; a prestação de serviços diversos a população, seja utilizando recursos próprios ou públicos (...) Enfim, são as práticas fundamentadas na ideologia do favor e do compromisso recíprocos e na imposição de poder que estão profundamente arraigadas na vida social e política brasileira. (MODESTO, 2008.p. 26)

Por fim, as disputas políticas no município de Lagarto remetem a persistência de uma estrutura de poder vinculada e herdada do coronelismo, destacando principalmente fatores como o mandonismo, parentela e clientelismo. Mesmo diante das transformações da estrutura política ao longo do século XX, entre o período da Primeira República e o período do Regime Militar, observa-se a continuidade dessas práticas mais tradicionais, reconfiguradas para o contexto local, com os termos Saramandaia e Bole-Bole. Assim, a política lagartense evidencia velhas formas de dominação que se adaptam e sobrevivem, que faz com que se torne responsáveis pela formação de novas alianças, rivalidades e formação da identidade político-cultural do município.

JOSÉ VIEIRA FILHO: DE COMERCIANTE À LÍDER POLÍTICO DE LAGARTO – SE

José Vieira Filho nasceu em 22 de fevereiro de 1925, casou-se com Josefa Flora de Souza Vieira e dentre seus dez filhos, destacam-se Aloízio Vieira – famoso médico do município – e Raimundo Vieira, ex-vereador de Lagarto por três mandatos consecutivos. Foi um próspero comerciante de móveis, tendo várias filiais da “Casa Brasília”, além disso, foi eleito vereador de Lagarto por um mandato, foi músico e tornou-se presidente da Lira Nossa Senhora da Piedade no ano de 1960, já no ano de 1970 foi eleito presidente da Associação Atlética de Lagarto (AAL). Apesar disso, sua figura foi imortalizada na política do município, sendo considerado por muitos, como o melhor prefeito da história da cidade.

O político José Vieira Filho ocupou o cargo de prefeito da cidade de Lagarto entre os anos de 1977 – 1982. Posteriormente, ganhou destaque como Deputado Estadual, em 1982.

No entanto, é importante ressaltar que apesar da sua relevância no meio público, sua importância antecede os palanques políticos, obtendo grande influência no desenvolvimento da cidade.

Diante disso, é necessário compreender, de antemão, as raízes históricas da família Vieira, responsáveis por formar uma ampla e sólida rede familiar que exerceu influência significativa em diversos setores da economia e política. Mediante isso, essa atuação foi responsável por caracterizar o núcleo familiar como um dos principais pilares da história e do desenvolvimento do município de Lagarto, sendo marcada pela ocupação em cargos públicos, além de contribuir de modo crucial para a configuração social, econômica e institucional da cidade.

Sob esse viés, torna-se necessário projetar os acontecimentos ocorridos no território sergipano, que levou a formação e desenvolvimento do município, tendo em vista que, inicialmente, os lotes de terras doados foram organizados em lavouras e criações de gado, fator responsável por manter grandes currais na região. Posteriormente, passou a surgir em Lagarto pequenos sítios, nos quais, buscavam formas alternativas de sustento, conciliando as atividades rurais com outras fontes de renda, tais como a agricultura do fumo, laranja e maracujá. Além disso, efervescia o ramo do couro na localidade, por meio da venda de sela, peitorais e arreios, sem contar a produção e comercialização de calçados, propagando assim, as sapatarias de fabricação própria.

Nesse contexto, a família Vieira passou a ter maior visibilidade a partir das últimas décadas do século XIX, José Vieira do Nascimento, conhecido dentre os moradores das redondezas como Zezé do Arroz – pai de José Vieira Filho – teve investimento no couro, mas popularizou-se em meio as feiras de Simão Dias conduzindo pessoas e mercadoria para a capital aracajuana em seu caminhão. Em contrapartida, seus filhos José, Vieira e Antônio também tiveram caminhões. No entanto, José Vieira Filho ingressou no ramo do comércio obtendo lojas de móveis e caminhão próprio, até que retornou a política municipal tornando-se prefeito de Lagarto e posteriormente, deputado estadual. Nesse sentido, ao retratar a trajetória de José Vieira, nota-se o crescimento significativo no ramo comercial.

Mediante isso, cabe ressaltar que de maneira inicial, Vieira tornou-se proprietário de uma “bodega”, no entanto, não foi bem-sucedida. Alguns anos depois foi fundada a “Casa Brasília”, loja de móveis e eletrodomésticos que originou cerca de oito filiais, em localidades como Poço Verde, Boquim, Simão Dias, Itabaianinha, Tobias Barreto e Paripiranga, além da loja matriz na própria cidade. No entanto, apesar da ampla popularidade e propagandas de

destaques nos jornais “O Lagarto”², o seu comércio decaiu após a reinserção no meio político, devido aos constantes pedidos e patrocínios no seu período como prefeito³.

Por outro lado, sob uma perspectiva mais ampla, falar sobre a política lagartense é falar sobre uma série de sucessões e continuidades de dois núcleos familiares que se alternam constantemente no poder, sendo a família Reis e Ribeiro grande destaque na região. Mediante isso, ao analisar o quadro geral de sucessores políticos, suas perpetuações se dão por meio de filhos, netos e bisnetos que perduram até a atualidade, demonstrando assim, a forte influência exercida por essas famílias na política local. Tal fator foi responsável posteriormente, pela denominação dos partidos “Bole-Bole” e “Saramandaia”, sendo a família Ribeiro grande destaque no cenário político lagartense.

É nesse contexto, que a dominação dos Ribeiro, expande-se para além da política local, tendo em vista que, Rosendo Ribeiro de Souza, patriarca da família era pecuarista e filiou-se a UDN, sendo bastante influente durante a década de 1950 na política do município. Cabe destacar também seus sucessores, Rosendo Ribeiro Filho – Ribeirinho – e José Raymundo Ribeiro, popularmente conhecido como Cabo Zé, sendo considerados os primeiros a ingressar diretamente na política a partir de 1960, ambos ocuparam os cargos de prefeito municipal de Lagarto e Deputado Estadual de Sergipe. Além disso, a família tem forte influência nos meios de comunicação local, sendo José Raymundo Ribeiro, dono de uma das principais rádios do interior sergipano, a Eldorado FM, além de que o jornal “A voz de Lagarto” estava diretamente ligado a ele.

Devido a sua afinidade com a política local e proximidade Ribeirinho, José Vieira Filho passou a exercer uma relação de amizade com o até então ex-prefeito do município. A partir disso, entre os anos de 1963 – 1966 ocupou o cargo de secretário particular em sua gestão.

Diante dessa aliança formada, ao se ter em vista que os direitos políticos de Ribeirinho estavam cassados – punição imposta pelo Regime Militar Brasileiro de forma autoritária e sem direito de defesa – o então conhecido “Zé Vieira” subiu aos palanques políticos na eleição de 1972 representando a ARENA I, tendo como candidato a vice-prefeito, Agenor de Souza Viana, antigo aliado de Acrízio Garcez. Estes concorriam com João Almeida Rocha, tendo Eliseu Silva Martins como vice, responsáveis por representar a ARENA II.

² Edições de 03, 18 e 25 de janeiro de 1976 e 22 e 29 de fevereiro de 1976

³ Informação concedida por meio de entrevistas com José Aloízio Vieira de Souza e Raimundo Vieira de Souza à Maria Letícia Santos Prata, nos dias 28 de janeiro de 2026 e 02 de fevereiro de 2026, respectivamente.

Apesar da derrota de José Vieira Filho, com uma diferença considerável de 1.003 votos de acordo com os arquivos presentes no Tribunal Regional Eleitoral de Sergipe, cabe destacar que as campanhas desse período foram responsáveis por trazer de volta a cidade de Lagarto as disputas políticas que foram abafadas nas duas últimas eleições anteriores, nas quais foram decididas por meio de candidaturas únicas, devido ao Regime Militar vigente. Além disso, as suposições sobre a nomenclatura dos partidos começam a permear o imaginário lagartense, devido a construção do cemitério localizado no povoado Rio da Vaca, na qual a inauguração não chegou a ser concretizada devido as brincadeiras e comparações que já pairavam a cidade durante a gestão de João Almeida Rocha.

Após o ocorrido, na eleição seguinte, José Vieira Filho foi responsável por protagonizar as disputas de 15 de novembro de 1976, o momento inicial das nomeações “saramandaia” e “bole-bole”, sendo considerada uma candidatura acirrada, segundo Alailson Pereira Modesto, a configuração partidária daquele período se organizou da seguinte forma:

(...) no primeiro grupo, representado pela ARENA I, estavam José Vieira Filho, derrotado na eleição anterior, e José Vicente de Carvalho; no segundo, ARENA II, estavam Porfírio Martins de Menezes Filho, um dos representantes das famílias mais influentes na política local até aquele momento, e José Correia Sobrinho, um outrora correligionário de Acrízio Garcez. (MODESTO, 2008. p. 65)

Em meio a essa intensa disputa política, José Vieira comanda o cenário político lagartense com um total de 6.707 votos contra 5.210 votos de Porfírio, obtendo uma diferença considerável de 1.497 votos, assumindo desse modo, a prefeitura de Lagarto entre os anos de 1977 – 1982.

Cabe ressaltar que, antes mesmo de assumir cargos públicos, José Vieira sempre havia demonstrado interesse pela política local. Diante do período no qual se apresentou como ocupante de um dos cargos mais elevados da municipalidade, é possível notar uma grande aproximação entre as massas populares e o político em questão, tendo em vista que, segundo Raimundo Vieira⁴ “A casa da gente (...) parecia ali um hotel (...) A gente “pra” tomar café era a casa cheia de gente, almoçar era um banquete”⁵. Dessa forma, tornam-se notórias as

⁴ Raimundo Vieira de Souza, filho de José Vieira Filho e Josefa Flora de Souza Vieira, ex-vereador de Lagarto eleito por três anos consecutivos.

⁵ Informação concedida por Raimundo Vieira de Souza à Maria Letícia Santos Prata, no dia 02 de fevereiro de 2026

relações de clientelismo entre o político e seus eleitores, definida por Victor Nunes Leal como um fator determinante para a construção do poder do coronel, segundo ele

(...) são boas as relações entre o seu poder privado e o poder instituído, pode o “coronel” desempenhar, indisputadamente, uma larga parcela de autoridade pública. E assim nos aparece este aspecto importantíssimo do “coronelismo”, que é o sistema de reciprocidade: de um lado, os chefes municipais e os “coronéis”, que conduzem magotes de eleitores (...) de outro lado, a situação política dominante no Estado, que dispõe do erário, dos empregos, dos favores e da força policial, que possui, em suma, o cofre das graças e o poder da desgraça. (LEAL, 2012. p. 62-63)

De maneira análoga, é possível perceber no território lagartense outras demonstrações de reciprocidade nos períodos eleitorais e subsequentes, sendo possível destacar a semelhança na estratégia política entre José Vieira e Ribeirinho, que ganhou grande popularidade em regiões como o bairro Aldemar de Carvalho, devido a forte assistência ofertada a população local nessas regiões. De acordo com Patrícia Santos Silva Monteiro

(...) na política lagartense estavam presentes o paternalismo e o assistencialismo, características presentes no coronelismo. Essas práticas exercidas contribuíam para que a população simpatizasse com mais facilidade com o político. Essas atitudes seriam uma forma de agradecer a tendência por determinados candidatos ou não, já que poderiam servir como forma de conquista de um maior número de pessoas para o grupo. (MONTEIRO, 2008.p. 41)

Ressalta-se, ainda, que de acordo com Alailson Pereira Modesto, tanto Victor Nunes Leal quanto Raymundo Faoro defendem que o sistema de reciprocidade constitui um dos aspectos centrais e fundamentais do sistema coronelista.

Os coronéis se encarregam de dar ao governo estadual toda a votação de sua fiel clientela, inclusive se encarregando com as despesas eleitorais, em troca os empregos públicos do município ficam sob seu controle, bem como tantas outras funções públicas não institucionalizadas (...). Por outro lado, afirma Faoro, apesar do coronel utilizar os serviços públicos para fins particulares, o saldo dessa relação não é muito favorável a este, principalmente, pela precariedade financeira da localidade que comanda. (Modesto, 2008. p. 21)

Partindo desse pressuposto, vale destacar que apesar de José Vieira já ter se apresentado como vereador do município, aliado a Dionísio Machado⁶ e posteriormente concorrer ao cargo de prefeito municipal, para que enfim assumisse o cargo de Deputado Estadual, segundo Raimundo Vieira “A política não deu vantagem nenhuma a ele não (...) quando ele se meteu na política tinha três fazendas e muitas cabeças de gado, quando saiu da política ficou com duas fazendas e mil cabeças de gado”⁷. Partindo desse pressuposto nota-se que a política defendida por José Vieira não se enquadra plenamente na lógica coronelista. Em contrapartida, assim como proposta por Faoro, o histórico de Vieira evidencia a contradição interna desse sistema, tendo em vista que, o exercício do poder local nem sempre resultou em melhorias do poder próprio diante da fragilidade econômica em que o município se encontrava.

Dessa forma, nota-se que apesar da sua atuação como um servidor público relevante para a sociedade, o seu mandato não resultou em vantagens patrimoniais significativas, pondo em destaque a ideia de que o poder político, nesse contexto, está diretamente atrelado ao prestígio e influência social. Tal ideia reforça a compreensão de que a lógica coronelista se sustentava mais pela capacidade de mediação de interesses, tendo em vista o controle de reciprocidade e pela consolidação de lideranças locais, que são elementos fundamentais para a manutenção da autoridade política e perpetuação de dependência na esfera municipal.

Apesar da expressiva aceitação por parte da sociedade, o então prefeito abdicou do cargo no seu último ano de gestão, para que, em 1982 assumisse o mandato de Deputado Estadual, passando a ocupar uma cadeira na Assembleia Legislativa. Nessa perspectiva, sob essa nova função, foi eleito com cerca de 9.189 votos, devido a sua saída do Executivo municipal, seu vice José Vicente de Carvalho, assume o posto de prefeito de Lagarto.

José Vieira Filho faleceu em 25 de novembro de 1990 e se destacou pela dedicação a manutenção da cidade e valorização da educação lagartense, tendo em vista a inauguração de 20 novas escolas, além de ser responsável pela elaboração e realização do evento solene do 1º centenário de Lagarto, fator determinante para o fortalecimento da identidade local, sendo uma característica determinante para a solidificação da história do município. Por fim, cabe destacar também, que no campo da saúde pública a sua gestão foi responsável pela ampliação dos postos de saúde nos povoados, além do alargamento da melhoria das demandas básicas de

⁶ Informação concedida por Dr. Aloízio Vieira à Maria Letícia Santos Prata, no dia 28 de janeiro de 2026, no qual desconhece o motivo da transição para a ala política de Ribeirinho.

⁷ Informação concedida por Raimundo Vieira de Souza à Maria Letícia Santos Prata, no dia 02 de fevereiro de 2026

serviços odontológicos em Lagarto, garantindo dessa forma, uma melhor qualidade de vida para a população⁸.

Sendo assim, a atuação do então prefeito municipal José Vieira, se consolidou como um marco histórico na administração pública, especialmente pelo compromisso com os setores da educação, saúde e preservação da memória local.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGARTO: GESTÃO JOSÉ VIEIRA FILHO (1977 – 1982)

A gestão municipal de José Vieira Filho, que esteve em vigor entre os anos de 1977 – 1982, insere-se em um contexto histórico nacional marcado por intensas transformações políticas, econômicas e sociais no município de Lagarto, tendo em vista que, o período em destaque estava imerso no contexto do Regime Militar brasileiro. Mediante isso, cabe ressaltar que a autonomia política local estava condicionada às diretrizes do poder central. Diante disso, Raylane do Nascimento Santos ressalta que

(...) no interior dos estados brasileiros, estas relações pouco se alteram com os efeitos do Golpe, pois nos interiores, informações que chegavam sobre o que estava acontecendo no país eram transmitidas de forma distorcida (...) estavam mais preocupadas com os problemas locais, onde o mandonismo dos ainda chamados coronéis era predominante.” (SANTOS, 2008. p. 27)

Entretanto, a autora ainda destaca que apesar da sociedade vivenciar o período como apenas mais um momento qualquer, os políticos detentores do poder buscavam se inteirar dos assuntos, com a finalidade de buscar mecanismos para se manter no domínio. Assim, torna-se notório que mesmo diante do contexto ditatorial, as dinâmicas sociais e de poder ainda permeiam as cidades localizadas nos interiores do país de forma singular. Dessa forma, José Vieira Filho foi símbolo de destaque tanto em ações voltadas ao desenvolvimento urbano e social, como também foi protagonista nas tensões político-partidárias que marcaram o cenário lagartense na época.

Mediante isso, José Vieira Filho foi considerado por muitos como um sinal de transparência, empatia e honestidade, devido a forma que lidou com diversas questões durante o seu mandato como prefeito municipal e deputado estadual durante meados da década de 70 e 80. No entanto, em meio ao período no qual passou como gestor de Lagarto, é necessário destacar suas políticas adotadas, a formação de alianças e também debates políticos que

⁸ Jornal Gazeta de Sergipe, edição dos dias 20 e 21 de abril de 1980

permearam o seu exercício, por meio de disputas travadas com adversários, dentro do próprio partido e também através da oposição denominada “Saramandaia”, cuja atuação exerceu um papel significativo nas querelas políticas locais.

Sob esse viés, a análise da gestão de José Vieira Filho requer atenção às fontes e aos discursos produzidos tanto pelos seus apoiadores como também os opositores, tendo em vista que, a memória política local passa a ser construída dentro de narrativas marcadas por disputas e interesses divergentes.

Mediante isso, sob os holofotes da mídia lagartense⁹, José Vieira apresenta-se de maneira inicial, como um mero personagem que passa a frequentar ambientes influentes nos eventos da cidade sergipana, posteriormente, vem sendo retratado em meio aos jornais como uma possível candidatura, garantindo que “o futuro reserva uma grande surpresa para o José Vieira”¹⁰, demonstrando dessa forma, uma grande expectativa para a população como sua possível atuação política nos períodos de eleição.

Além disso, cabe ressaltar que a formação de alianças políticas é um fator imprescindível no processo de formação da política nacional, dessa maneira, as relações reafirmadas e formadas nesse momento de construção do futuro prefeito da cidade, passa a ser analisada à luz das permanências do clientelismo e do coronelismo no interior brasileiro.

Conforme abordado por Victor Nunes Leal por meio da obra “Coronelismo, enxada e voto” publicada pela primeira vez em 1948, o autor defende que a formação do “coronel” não se baseia apenas na figura individual de uma única pessoa, mas na construção de um sistema baseado na troca de favores entre os mais altos cargos do Estado, baseando-se em vínculos pessoais e controle político da população. Sob esse viés, nota-se a reafirmação do vínculo do então futuro candidato a prefeito com Ribeirinho – político oriundo de uma família influente no município, os “Ribeiros”.

Além disso, é possível também notar uma certa aliança que passa a ser moldada antes de iniciar a gestão propriamente dita, entre José Vieira Filho e Augusto Franco¹¹, estreitando esses laços através de jantares e eventos públicos. Posteriormente, manchetes passam a ser

⁹ Jornal “O Lagarto”, 03 de janeiro de 1976

¹⁰ Jornal “O Lagarto”, 25 de janeiro de 1976

¹¹ Importante político sergipano, com forte atuação no estado entre as décadas de 1950 e 1980, destacando-se como governador de Sergipe entre os anos de 1963-1967, período marcado por tensões políticas diante do Golpe Civil-Militar de 1964.

veiculadas entre eles no ano eleitoral para deputado estadual em 1982, repercutindo rumores de uma provável candidatura¹².

Partindo dessa perspectiva, ao retratar o histórico político da cidade, cabe destacar que o então aliado de José Vieira, Ribeirinho, estava com os seus direitos civis e políticos cassados pelo Regime Militar, tal ocorrência aconteceu durante a década de 60, enquanto ocupava o cargo de Presidente da Assembleia Legislativa. Diante do contexto apresentado, os candidatos passavam a ser indicados pelo governador do estado. Sob essa perspectiva Raimundo Vieira destaca esse acontecimento ao atrelar o período mencionado com a futura candidatura do seu pai, citando as mudanças ocorridas no período.

Toda vida ele gostou de política (...) Ribeirinho que era chefe político lá do bole-bole citou o nome dele como candidato (...) Ribeirinho foi prefeito de Lagarto e foi cassado na época da ditadura (...) e ele ficou um tempão sem poder ser candidato, aí toda vida ele teve um partido e indicavam os candidatos. Naquele tempo, antigamente era indicado pelo governador (...) votava por indicação, aí depois quando passou a eleição foi aí que começou a indicar os amigos e foi quando ele indicou meu pai, foi a primeira vez que ele perdeu (...) e no segundo foi com o saudoso José Vicente de Carvalho que era vice dele.”¹³

Nesse sentido, apesar de Lagarto está diretamente inserido no âmbito nacional, tais práticas remanescentes do coronelismo não desapareceram por completo diante do avanço do regime ditatorial instaurado em 1964, mas, elas passaram a ser ressignificadas e adaptadas as novas conjunturas políticas. Dessa forma, tona-se perceptível a atuação do então prefeito por meio de uma tentativa de uma aproximação cada vez maior com as comunidades mais carentes, através do “Natal das crianças pobres”, juntamente com a entrega de presentes¹⁴, assim como era propagado pelo seu aliado, Ribeirinho. Desse modo, como dito anteriormente, essas práticas características do coronelismo contribuía para uma aproximação cada vez maior do político com as classes mais baixas, aumentando as repercussões de que o partido Saramandaia era tido como “representante dos ricos”. Segundo o depoimento do Senhor Nonato¹⁵

(...) distribuía sabonetes, enxadas (...) jogava sabonete no povo, jogava besteira. Dava enxada, foice, esses negócios. Ribeirinho sempre dava essas

¹² A voz de Lagarto, edição de 07 de fevereiro de 1982.

¹³ Informação concedida por Raimundo Vieira de Souza à Maria Letícia Santos Prata, no dia 02 de fevereiro de 2026

¹⁴ Jornal “O Lagarto”, 08 de janeiro de 1976

¹⁵ Depoimento retirado da obra “Uma cidade em pé de guerra: Saramandaia x Bole- Bole” publicado em 2008

coisas. Eliseu do Cachimbo distribuía balas pros meninos, essas coisas nos comícios. Se fazia de papai Noel e dava presentes para a criançada (MONTEIRO, 2008.p. 41)

Já no âmbito governamental, José Vieira Filho destacou-se no desenvolvimento da educação e da saúde em Lagarto, além disso, Vieira também pode proporcionar o crescimento da cultura lagartense, através do impulsionamento da Associação Atlética de Lagarto (AAL)¹⁶. Esse crescimento se deu ao passo em que houve a transferência do Doutor João Almeida Rocha para o então prefeito eleito José Vieira, já que, os cofres públicos se encontravam estáveis, proporcionando uma melhor organização econômica no município, dessa forma, segundo José Raimundo¹⁷

De acordo com o tempo e as condições que tinha, desenvolveu muita coisa (...) aqui tinha quatro a cinco ambulâncias para dar assistência ao povo, nos povoados e tudo (...) viajava todo dia pra Aracaju pra dar assistência ao povo (...) Fez a praça do Rosário, aquela avenida que vai pra Augusto Franco né, quem fez o calçamento foi ele, fez muita coisa aqui por Lagarto, ele desenvolveu muito a cidade, ele gostava da política e gostava de trabalhar muito

Ademais, doutor Aloízio Vieira¹⁸ complementa que

(...) foi um prefeito bem simpático, fez muito serviço por Lagarto, fez muitas reformas, muitas escolas, então o nome dele ficou na história, porque ele fez muito trabalho. Apesar de não ser uma pessoa com uma formação intelectual, mas dentro das condições dele, ele foi um bom prefeito (...) fez muitos postes de saúde aqui, muitas escolas, muitas praças, principalmente nos povoados. Foi tão chamativo, que depois que saiu da prefeitura quem entrou foi seu Arthur e seu Arthur disse (...) não sabia o que fazer com a parte da escola porque todos os povoados que tinham em Lagarto ele construiu uma escola, então ele deixou o município bem estruturado.

Apesar dos avanços realizados no município, a gestão do então prefeito municipal não se mantém isenta das críticas do público e dos demais adversários políticos. Mediante isso, jornais como “A voz de Lagarto” se mantem como principal veículo de oposição política a atuação administrativa municipal, sendo relevante destacar que de maneira inicial, a direção dos periódicos estava sob a vigência do então vereador Rosendo Ribeiro Filho – Ribeirinho – em 1º de maio de 1957, posteriormente, entre os anos de 1962 a 1983, o seu irmão, José

¹⁶ Jornal “O Lagarto”, 08 de fevereiro de 1976

¹⁷ Informação concedida por Raimundo Vieira de Souza à Maria Letícia Santos Prata, no dia 02 de fevereiro de 2026

¹⁸ José Aloízio de Souza Vieira, é filho de José Vieira Filho, formado em medicina pela Universidade Federal de Sergipe em Aracaju, tornando-se um médico obstetra de grande renome na cidade de Lagarto. Atualmente possui duas clínicas nas quais levam o nome do pai, localizadas no centro de Lagarto.

Raymundo Ribeiro, conhecido como Cabo Zé, passa a assumir a direção entre os anos de 1962 a 1983.

De acordo com Raimundo Vieira, José Raymundo manteve ao passar do tempo, uma postura de oposição em relação ao seu pai, afirmando que “José Raymundo toda vida foi contra meu pai, o irmão de Ribeirinho, toda a vida é a oposição (...) Cabo Zé, fazia a oposição aos bole-bole, mas meu pai sempre afastava a gente”¹⁹. Tal narrativa permite compreender que os conflitos não envolviam de maneira homogênea, todas as relações estabelecidas entre as famílias Ribeiro e Vieira, alegando que

Meu pai nunca teve desentendimento com Ribeirinho, nunca teve, o único desentendimento que ele teve foi a família de Ribeirinho, Cabo Zé com ele. Quando meu pai foi candidato a deputado a família de Ribeirinho não se juntou com meu pai, foi fazendo campanha contra meu pai. (...) foi o que dividiu a gente, quando passou a campanha de deputado, ninguém quer saber do povo do Ribeiro (...) não digo o próprio Ribeirinho.

Tais acusações tornavam-se progressivamente mais graves e acirradas, pois, segundo Aloízio Vieira, o seu pai não exercia o cargo de prefeito para apenas uma ala política, mas a favor do povo lagartense. Sob esse viés, ao se ter em vista a dinâmica das disputas políticas do município, esperava-se pela família Ribeiro, as perseguições políticas contra o partido da oposição. Entretanto, José Vieira não se submeteu a esse tipo de conduta, fator responsável por elevar as críticas dentro do próprio partido.

Partindo desse pressuposto, torna-se evidente que as fragilidades presentes na gestão municipal, partiam de ataques originados de membros do próprio partido, o que revela a existência de tensões internas, demonstrando de certa maneira, a vulnerabilidade política entre os integrantes. As notícias vinculadas, levantavam apontamentos voltados para o desprezo de ambientes públicos, como o Rosendo Palace Hotel, o balneário Bica²⁰, quadra de esportes²¹ e problema de iluminação pública e podagem das árvores²².

¹⁹ Informação concedida por Raimundo Vieira de Souza à Maria Letícia Santos Prata, no dia 02 de fevereiro de 2026

²⁰ A voz de Lagarto, edição de 18 a 24 de março de 1979.

²¹ A voz de Lagarto, edição de 28 de fevereiro de 1982.

²² A voz de Lagarto, edição de 07 de fevereiro de 1982.

Apesar dos rumores, as reações diante dos acontecimentos que permeavam a sua gestão, são totalmente contrárias do que de fato se espera, José Vieira tornou-se símbolo de paciência e serenidade, de acordo com Aloízio ²³,

(...) ele era uma pessoa bem tranquila, bem pacata, que não gostava de intriga apesar de viver no meio político, um meio de muito problemas, mas ele sempre se comportou de uma maneira serena, tranquila e transparente. Era uma pessoa muito, muito, muito centrada e não gostava de intrigas, ele tinha um comportamento muito bom e me ensinou muito com o silêncio dele (...) ele era muito silencioso, ele levava aquilo ali numa normalidade muito grande. Eu nunca o vi aborrecido com ninguém, nunca vi meu pai em comício xingando ninguém, apesar das agressões que era muito forte a ele (...) porque toda árvore que dá fruto a pessoa tenta denegrir a imagem, a pessoa tenta chacoalhar, mas graças a Deus, ele não deixou nenhum rastro de desonestidade e de rombo na prefeitura.”

Em contrapartida, apesar de apresentar um comportamento sereno, a família de José Vieira era mais reativa, diante das acusações e especulações sobre o então prefeito, havendo um episódio na atual secretaria de Educação, no qual os filhos de José Vieira foram confrontados diretamente por José Raymundo. Após o incidente, o então candidato a deputado negou as informações, afirmando que haviam sido apenas boatos para que assim, diminuísse as especulações²⁴.

Entretanto, é imprescindível destacar os feitos realizados no período no qual José Vieira foi prefeito de Lagarto, através do jornal “Gazeta de Sergipe” na edição de 20 e 21 de abril de 1980, Lagarto ganha destaque diante da comemoração do centenário da cidade, além de ressaltar as ações administrativas do então prefeito local, gerando grande admiração e repercussão na capital sergipana. Assim, a memória de parte significativa da população lagartense detém de José Vieira, é como o melhor prefeito que Lagarto já possuiu.

Ademais, torna-se perceptível que a apesar da gestão de José Vieira Filho (1977-1982) está inserida no contexto ditatorial brasileiro, nota-se a perpetuação de práticas políticas tradicionais no interior sergipano. Por fim, a permanência no poder esteve estreitamente vinculada a formação de alianças políticas e relações pessoais típicas do coronelismo. Por fim, cabe destacar que apesar do prefeito se apoiar nessas articulações, sua gestão buscou diferenciar-se pela condução administrativa e pela não perseguição política sistemática, fator pelo qual, gerou tensões internas e fragilizou seus apoiadores.

²³ Informação concedida por José Aloízio Souza Vieira à Maria Letícia Santos Prata, no dia 28 de janeiro de 2026

²⁴ Informação obtida por meio da entrevista com Raimundo Vieira de Souza no dia 02 de fevereiro de 2026.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das disputas políticas no município de Lagarto, ressalta as singularidades presentes nos interiores brasileiros. Nesse sentido, convém destacar que a organização do poder local não pode ser compreendida historicamente como um fenômeno isolado, tendo em vista que se torna cada vez mais clara as permanências do coronelismo, mesmo diante de um contexto ditatorial em nível nacional, revelando processos de adaptações e reformulações dessas práticas ocorridas ao longo do tempo.

Além disso, as continuidades do conceito de coronelismo tornam-se ainda mais nítida ao observar a estrutura da política lagartense, traços como a parentela e o clientelismo foram fundamentações para a formação político-partidária do município. Partindo desse pressuposto, tornou-se um mecanismo fundamental para a construção positiva da imagem de José Vieira Filho. Mediante isso, foi sendo criado um ambiente no qual a disputa de poder permaneceu concentrada em poucos influentes grupos familiares, responsáveis por moldar alianças e identidades políticas.

Sob esse viés, o período estudado também está diretamente inserido nas mudanças institucionais no contexto do Regime Militar Brasileiro, especialmente por meio da imposição do bipartidarismo, através dos partidos locais representados pela ARENA I e ARENA II, que posteriormente passaram a serem denominadas como Saramandaia e Bole-bole, especialmente a partir da década de 70, na qual passa a ganhar maior notoriedade por meio da gestão de José Vieira Filho.

Analisar a o período em que José Vieira esteve à frente da prefeitura de Lagarto, implica compreender também como a cultura local passa a ser moldada em torno da política municipal, perpetuando, no interior das famílias, preferências partidárias transmitidas ao longo de gerações e construindo dessa forma, uma identidade local. Ademais, tal fator não se restringe apenas ao século XX, mas revela uma continuidade histórica dessa identidade que remonta o século XIX, quando se estruturam as primeiras divisões políticas do estado, representadas pelos partidos “pebas” e “cabaús”.

Assim, a gestão de José Vieira Filho insere-se, portanto, nesse processo mais amplo de ressignificação das formas tradicionais de poder. Portanto, compreender esse período permite reconhecer que a política lagartense não pode ser analisada de forma separa da sua formação histórica, sendo marcada por disputas familiares, formação de alianças e pela permanência de uma cultura política que atravessa décadas e influencia diretamente a dinâmica local.

FONTES E REFERÊNCIAS

Livros e capítulos de livros

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: O município e o regime representativo no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, 7ª edição.

PETRARCA, Fernanda Rios; OLIVEIRA, Wilson José Ferreira de. Alianças políticas e grupos dirigentes: das parentelas às redes de relações sociais. In: PETRARCA, Fernanda Rios; BARBOSA, Saulo Vinicius Souza; OLIVEIRA, Wilson José Ferreira de. **Poder & Política em perspectiva**. São Cristóvão – SE, 2022, p. 14-45.

SANTOS, Claudefranklin Monteiro (org.). **Uma cidade em pé de guerra: Bole-Bole x Saramandaia**. Aracaju: Gráfica J., 2008.

Digitais

A SAGA DOS VIEIRA. **A saga dos Vieira**. Infonet. 03 de fev. de 2011. Disponível em: < <https://infonet.com.br/blogs/a-saga-dos-vieira/> > Acessado em 05 de jan. 2026

CARVALHO. Emerson. **Jornais de Lagarto: Do primeiro até a atualidade**. Lagartonet.com, 2010. Disponível em: < <https://lagartonet.com.br/entusiastas/emerson-carvalho/jornais-de-lagarto-do-primeiro-ate-a-atualidade/> > Acesso em: 14 de fevereiro de 2026.

VIEIRA, Bruno. **Reis e Ribeiro: o domínio político e o continuísmo das famílias tradicionais à frente do poder municipal de Lagarto**. Sergipense. 23 de maio de 2024. Disponível em: < <https://www.sergipense.com.br/reis-e-ribeiro-o-dominio-politico-e-o-continuismo-das-familias-tradicionais-a-frente-do-poder> > Acessado em 05 de jan. de 2026

@lagarto_que_tem__e_que_ja_teve. **É considerado um dos melhores prefeitos da história**. Fotos. Instagram, Lagarto. 24 de abr. de 2024. Disponível em: < https://www.instagram.com/p/C6SHV-ws-CV/?img_index=3 > Acessado em 05 de jan. de 2026.

Jornais

AQUI E AGORA. **A voz de Lagarto**, Lagarto, 07 de fev. 1982. Desistiu. p. 6

AQUI JAZ UMA PRAÇA DE ESPORTES. **A voz de Lagarto**, Lagarto, 28 de fev. 1982. Notícias. p. 1

DESAFIO ADMINISTRATIVO DESTRÓI IMAGEM DE PREFEITO. **A voz de Lagarto**, Lagarto, 18 a 24 de mar. 1979. Notícias. p. 1

JOSÉ VIEIRA & FILHOS LTDA. **O Lagarto**, Lagarto, 03 de jan. 1976. Publicidade. p. 4.

JOSÉ VIEIRA & FILHOS LTDA. **O Lagarto**, Lagarto, 18 de jan. 1976. Publicidade. p. 4.

JOSÉ VIEIRA & FILHOS LTDA. **O Lagarto**, Lagarto, 25 de jan. 1976. Publicidade. p. 4.

JOSÉ VIEIRA & FILHOS LTDA. **O Lagarto**, Lagarto, 22 de fev. 1976. Publicidade. p. 5.

JOSÉ VIEIRA & FILHOS LTDA. **O Lagarto**, Lagarto, 29 de fev. 1976. Publicidade. p. 2.

LAGARTO. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 20 e 21 de abril 1980. Suplemento especial da “Gazeta de Sergipe”. p. 1-2.

NOTÍCIAS SOLTAS. **O Lagarto**, Lagarto, 03 de jan. 1976. Jantar de confraternização. p. 3

PRIMEIRA PALAVRA. **O Lagarto**, Lagarto, 25 de jan. 1976. A vitória de Aluisio. p. 3

UMAS E OUTRAS. **A voz de Lagarto**, Lagarto, 07 de fev. 1982. Notícias. p. 5

Entrevista

SOUZA, Raimundo Vieira de. Entrevista sobre a vida de José Vieira Filho. Lagarto, 02 de fev. 2026. Entrevista cedida a Maria Letícia Santos Prata

VIEIRA, José Aloízio Souza. Entrevista sobre a vida de José Vieira Filho. Lagarto, 28 de jan. 2026. Entrevista cedida a Maria Letícia Santos Prata